

**LISBETH FORELL [LISE]<sup>1</sup>**  
**(Brno, República Tcheca, 1924)**



Lise Forell. s.d.

Disponível em: <<http://www3.al.sp.gov.br/repositorio/noticia/03-2008/liseforell.jpg>>.

Acesso em: 01.08.2017.

### **Minhas raízes tcheco-judaicas**

Eu me chamo Lise Forell. Lisbeth Lowe é meu nome de casada, assim como está no passaporte. Nasci em 12 de abril 1924 em Brno, segunda cidade da antiga República

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida por Lisbeth Forell a Rachel Mizrahi e Lilian Souza. São Paulo, 12.05.2010. Gravação em áudio: Lilian Souza. Transcrição: Lilian Souza. Transcrição: Lilian Souza, Rachel Mizrahi e Maria Luiza Tucci Carneiro. Pesquisas complementares: Blima Lorber. Iconografia: Nanci Souza e Samara Konno.

da Tchecoslováquia, atual República Tcheca. Sou filha de Otto Forell e de Margarete Fischel, de uma família burguesa judia. Sou filha única com todo o peso que isso tem, ou seja, todos querendo que eu estudasse de tudo e que fosse a melhor em tudo. Meu pai, Otto Forell, nasceu em 5 de julho de 1892 em Vyskov, Morávia do Sul, na atual República Tcheca. Faleceu no Brasil para onde emigrou fugindo das perseguições nazistas. Era filho de Leopold Forell e Regine (Peretz) Herschan e tinha mais três irmãos: Siegfried Forell, Camila (Kamila) Forell e Ida Forell.



Brno, cidade natal de Lise Forell  
Fonte: Google Maps

Minha mãe chamava-se Margarete Fischel, nasceu em Brno, Morávia do Sul, na atual República Tcheca, em 1 setembro 1898. Era filha de Julius Fischel e Olga Fischel, e irmã do Dr. Rudolf Paul Fischel e Karl Fischel.

Nossa cidade Brno era de porte médio, linda, medieval, onde os estilos arquitetônicos se misturavam. Eu adorava aquele lugar e hoje todas as minhas primeiras lembranças são de lá. Me marcaram fortemente. Falo alemão, infelizmente, minha língua materna. Falo o tcheco razoavelmente bem, e tive que aprender também inglês e francês. Íamos uma vez por ano à sinagoga, pois meus pais eram assimilados. Não sentia antissemitismo por parte dos tchecos, mas senti o alemão na pele, quando minhas colegas não mais falaram e nem andaram comigo. Os tchecos não nos recebiam mais de braços abertos.

## Meu mundo em desordem: mudanças

Desde os seis anos de idade estudei em escola alemã, porque os judeus de Brno, da minha cidade, eram muito *deutsche Kultur*: queriam que os filhos ficassem na linha da cultura e língua alemã. E isso foi um erro porque, quando houve a ocupação nazista da Tchecoslováquia, chutaram os judeus de todas as escolas alemãs. Todos os judeus matriculados tiveram que sair: era a purificação das escolas. E fomos para a escola tcheca, a única opção. Lá, fomos mal recebidos e rejeitados.<sup>2</sup>



Tropas alemãs durante a ocupação da Tchecoslováquia, 9.10.1938. German Federal Archives.

Disponível em:

<[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ab/Bundesarchiv\\_Bild\\_146-1970-005-28\\_%2C\\_Anschluss\\_sudetendeutscher\\_Gebiete.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ab/Bundesarchiv_Bild_146-1970-005-28_%2C_Anschluss_sudetendeutscher_Gebiete.jpg)>. Acesso em: 01.08..2017.

Apesar de não sermos religiosos e bastante assimilados, minha família ficou preocupada com as manifestações antissemitas. “Ela tem ‘cara’ de judeu”, diziam; ou que minha mãe tinha um “nariz bem judaico”. Com o aumento do antissemitismo, meus

---

<sup>2</sup> BOX: Entre 1919 e 1938, cerca de 3 milhões de alemães viviam na parte tcheca da recém-criada Tchecoslováquia, que surgiu a partir da dissolução do Império Alemão. As ambições de Hitler não se encerraram com a anexação da Áustria pela Alemanha (*Anschluss*), em março de 1938. Sob a alegação de que as populações de língua alemã que viviam nas regiões dos Sudetos (cadeia de montanhas na fronteira entre a República Tcheca, Polônia e Alemanha) estavam sendo discriminados e sofrendo privações, a anexação dos Sudetos pela Alemanha foi resolvida no dia 30 de setembro de 1938, numa reunião em Munique, onde se encontraram Hitler, Edouard Daladier, Mussolini e Arthur Chamberlain. Em nome da “paz mundial” foi assinado o Pacto de Munique, que dava à Alemanha os territórios dos Sudetos a partir de 10 de outubro e o controle efetivo do restante da Tchecoslováquia. Em 15 de março de 1939, as tropas alemãs invadiram o Protetorado da Boêmia e a Morávia, anexados ao Terceiro Reich. A Tchecoslováquia, sem oferecer resistência, foi ocupada, enquanto que a República Eslovaca se manteve como um país independente, porém como um Estado fantoche.

pais não queriam que eu andasse com os judeus, mas mesmo assim eu entrei a um movimento sionista: o *Macabi\**. Naquela época, obviamente, tornei-me sionista da esquerda, o que nos unia contra as perseguições. Nesse período, eu tinha aulas de pintura com Gustav Böhm, o pintor. Era a única criança no grupo dos adultos e, mesmo assim, saía-me muito bem.

A preocupação de meus pais fez com que me mandassem para a Bélgica, onde meus avós maternos e meu tio Karl me esperavam. Nesse período, consegui me matricular na Academia de Belas Artes de Antuérpia, cuja fama era a de ser a melhor da Europa. Estudei pintura e entrei no quarto ano da academia, porque era boa no desenho e passei nos testes iniciais. Fazíamos aulas com modelo vivo: minha avó nem podia sonhar que eu pudesse estar encarando homens nus. Naquela época, ainda se amarrava um lencinho no dito cujo, muito mais pornográfico que o modelo, pelado mesmo. Recentemente, uns tchecos vieram fazer um filme sobre mim. Filmaram uma cena usando um modelo vivo. Enquanto eu o desenhava, ele posava na minha frente sem perder a oportunidade de “me cantar”... Daí ele posa, e samba um pouco para me conquistar.... Isso está neste filme, que se chama “*Lise Forell Sem Fronteiras*”. Mas, por causa dessa cena o filme foi censurado lá. Eu não sei como vou fazer para que meus netos vejam o filme!<sup>3</sup>

### **Nossa rota de fuga**

O meu último ano como estudante de arte na Bélgica foi interrompido, pois peguei escarlatina. Naquele tempo, a escarlatina havia custado milhares de vidas em toda a Europa. Temendo pela minha vida, seguiram para a Bélgica para cuidar de mim,

---

<sup>3</sup> BOX: Lise recebeu uma educação estrita e incomum que instigou suas ações de rebelião e suas preferências em relação ao humanismo, ao idealismo pacífico e o despertar para as artes. Conviveu com múltiplas culturas desde os seus primeiros anos de escola até o início de sua carreira acadêmica. Viveu o momento em que as escolas tchecas se converteram à língua alemã, consideradas por alguns como decadência, e também momentos de antissemitismo quando os jovens judeus passaram a não serem aceitos no sistema. Muitos fugiam para Palestina envolvidos pelas propostas sionistas e tentaram viver em paz. Os pais de Lise optaram pela Bélgica onde ficaria sob a proteção dos avós paternos. Nesta variedade de vivências, ampliou suas linguagens para o alemão, iídiche e um pouco de latim, entre outros. Com cerca de 15 ou 16 anos, entrou para a Academia de Belas Artes de Antuérpia, onde conheceu as posturas liberais do mundo da arte.

e também para fugir do nazismo. Eles mal sabiam que era a despedida da Tchecoslováquia. Levavam só dez marcos e as alianças de ouro do casamento. Em 1939, havia o perigo iminente de início da Segunda Guerra e também não era um bom momento para os judeus permanecerem na Europa. Minha família jurou ficar junta! Foi quando meus pais e o tio Karl decidiram fugir da Bélgica em um único automóvel. Empacotamos os nossos poucos pertences e partimos em direção à fronteira da Espanha e da França. Havia filas intermináveis nas estradas. Passamos por bombardeios, frio e fome até a Espanha, onde o governo franquista não facilitava a entrada de judeus.

Seguimos para o sul, rumo à Marselha. Ficamos em uma pensão, enquanto meu pai e meu tio partiram para a peregrinação em busca de vistos e passagens para bem longe dali. Enquanto isso, consegui um emprego temporário através de um conhecido: fazer cartazes de cinema pintados à mão. Fui considerada qualificada para pintar os rostos dos atores e atrizes anunciados nos filmes. Não foi fácil conviver com o ridículo e a aspereza dos meus colegas de trabalho franceses. Finalmente, em dezembro de 1940, foram liberados os vistos para a nossa família com a ajuda do embaixador brasileiro Luiz Martins de Souza Dantas.

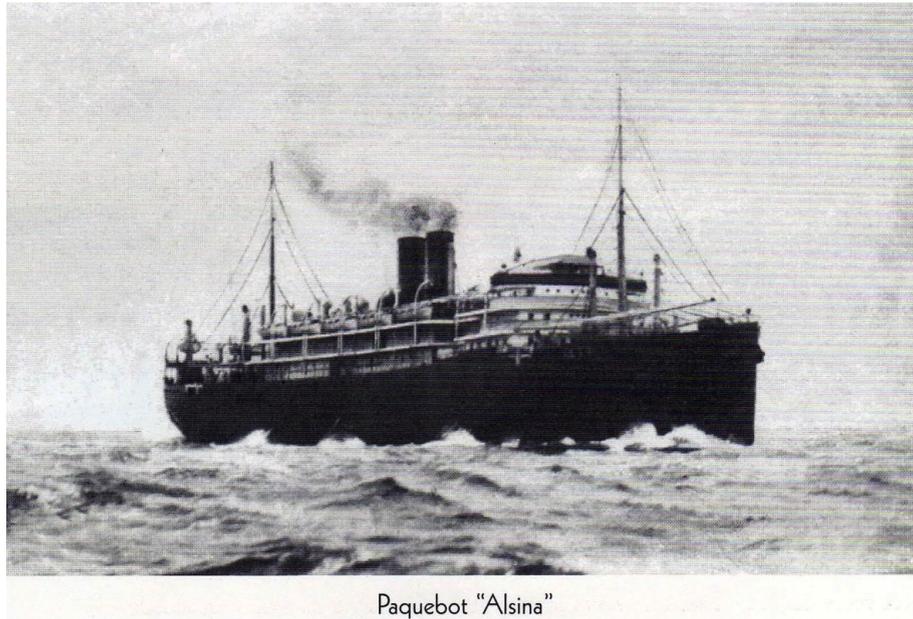
### *Os vistos de Souza Dantas*

Conheci pessoalmente o embaixador brasileiro Luiz Martins de Souza Dantas<sup>4</sup>, porque sua mulher era francesa e muito bacana. Ela tinha aulas de pintura comigo, pois eu continuava pintando. Dantas arrumou o visto para todos nós. Meu pai, sabendo que seria muito difícil de conseguir os vistos por outra embaixada ou consulado, se desdobrou para liberar os vistos. Desta forma, foram salvas muitas vidas.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> **BOX:** Luiz Martins de Souza Dantas (Rio de Janeiro, 1876; Paris, 1954) atuou como embaixador do Brasil na França entre 1922 até 1943. Diplomata à antiga, apreciador das artes, grande filantropo, tornou-se o anfitrião dos brasileiros em Paris. Somente aos 57 anos, em 1933, decidiu casar-se com a viúva Elise Mayer Stern, de origem judaica e batizada católica, ela própria dona de uma vultosa fortuna. Era irmã da milionária Florence Blumenthal e de Eugene Meyer, que, naquele mesmo 1933, adquirira o então falido *The Washington Post*, transformando-o em um dos mais importantes jornais dos Estados Unidos. Diplomata experiente, Dantas - que circulava entre os mais altos e restritos círculos diplomáticos - logo compreendeu a catástrofe que estava prestes a se abater sobre a humanidade com a ascensão do nazismo..

<sup>5</sup> **BOX:** O embaixador brasileiro Luiz Martins de Souza Dantas (1876-1954) tem hoje seu nome incluído entre os Justos entre as Nações, concedido pelo Yad Vashem em 2001, após pedido oficial encaminhado pela Profª. Maria Luiza Tucci Carneiro com o apoio do Consulado de Israel em São Paulo no ano 2000. Durante a Segunda Guerra, Souza Dantas foi um dos raros diplomatas brasileiros em missão na Europa a



Vapor Alsina que transportou a família Forell durante a sua fuga desde Marseille.  
Cartão-postal. 1940.  
Acervo: Tucci/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Em dezembro de 1940, embarcamos do Porto de Marseille no navio francês *Alsina*. Viemos eu, minha mãe, meu pai Otto Forell, meus avós maternos e a família do meu tio Karl. Chegamos e ancoramos no porto de Dakar. Fomos detidos, o navio fazia contrabando. Isto soubemos depois. Ficamos confinados por cinco meses na prisão flutuante. Quando descíamos ao porto, fazíamos amizades...

#### *Na condição de refugiados*

Quando, finalmente, o navio zarpou, percebemos que estava voltando e ancorou em Casablanca, no Marrocos. Lá nos desembarcaram sem grandes explicações e nos

---

emitir vistos aos judeus que fugiam das perseguições nazista. Mais tarde, estas suas ações humanitárias foram julgadas pelo governo Vargas como irregulares por não seguir as regras impostas pelas Circulares Secretas antisemitas (1937-1948). Os trâmites burocráticos do processo de sua aposentaria, decretada em 9 de maio de 1941, só foram interrompidos pelo fato de Souza Dantas ter sido preso pelos nazistas que invadiram a embaixada brasileira em Vichy, em 12 de novembro de 1942. Após enfrentar os nazistas foi preso com mais 29 diplomatas brasileiros e suas famílias. Ficaram internados, com outros diplomatas hispano-americanos, em Bad Godesberg (Alemanha), por quatorze meses, a partir de 5 de fevereiro de 1943. Retornou ao Brasil em 13 de maio de 1944, após ter sido trocado por prisioneiros alemães em Lisboa. Ver: CARNEIRO, *Cidadão do Mundo*; KOIFMAN, *Quixote nas Trevas*.

enfiaram em um campo de refugiados da Legião Estrangeira, no Saara marroquino. Na entrada, tinha um portão com a placa *Camp Sidi-El-Ayashi*. O comandante do campo nos tratou como fugitivos da Legião de Honra Francesa, como se fôssemos criminosos de quinta categoria, desertores. Entre os passageiros havia mulheres grávidas, médicos, velhos e jovens. Nesse campo fiz algumas caricaturas no meu diário: uma família francesa, bonitinha, gordinha, que ia embora de Marseille... A família embarca bem e acaba atrás do arame farpado! Eu escrevi *Visitez le Maroc!* Era um protesto íntimo contra os maus-tratos e humilhações e não uma coisa pró-franceses, porque a gente fala muito dos alemães e dos horrores que, de fato, eles fizeram, mas os outros não ficaram muito atrás, não! Na França, o antissemitismo ainda era naquela época bem “moderno” e praticado.

Daí surgiu um puxa-saco para me denunciar: mostrou as minhas caricaturas ao comandante do navio que, de posse destes desenhos, justificava a nossa prisão em Casablanca. Fui intimada a falar com o chefe da polícia local francesa, o senhor Bourel. Minha mãe e meu pai foram comigo, mas esperaram na antessala. O “cara” se encantou comigo: eu tinha 16 anos na época, ele prometeu-me ajudar em troca de algumas visitas. Para sucumbir aos pedidos de um velho francês, eu prometi que, com o tempo, tudo bem, eu iria sim! Com isso, ele ordenou a nossa soltura. Anos depois, fiz uma imagem deste campo que expressa bem o que vivemos por lá.

Quando ainda estávamos neste campo, conheci Herbert Lowe Stukart durante um dia liberado para passarmos fora. Ele simplesmente disse: “Gostei muito de você, você é muito bonita!” Mas devo te dizer uma coisa: “Eu nunca me casaria com uma judia!” Herbert havia sido criado em um famoso convento de Viena chamado Melk. Contou-me que quando vieram os alemães e ocuparam a Áustria, ele não queria sair de lá, pois era de extrema direita, do movimento estudantil monarquista. Como ele não queria fugir da Áustria, tiveram que convencê-lo, pois poderia acabar em um Campo de Concentração por suas ideias em prol de um governo monarquista.

Em Casablanca, meu pai procurou desesperadamente por ajuda de instituições de auxílio aos refugiados. Conseguimos algum dinheiro e novos vistos pois aqueles concedidos por Souza Dantas haviam caducado. No campo a gente não tinha possibilidades de renovar os papéis. Às vezes, eu ia visitar o senhor Bourel que insistia em encontro íntimo. Naquela fatídica semana, por coincidência, conseguimos fugir para

Cádiz e de lá, com todos os documentos em ordem, embarcamos em um navio de carga espanhol - *Cabo de Buena Esperanza* - transformado em navio de passageiro para que coubesse muitas pessoas: os beliches tinham quatro camas e ficavam superlotados.<sup>6</sup>



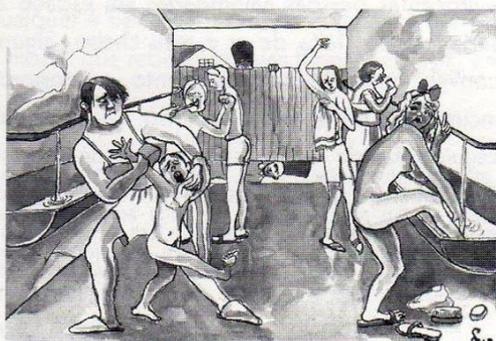
Sortie à Dakar



Débarquement à Casablanca



Au camp...



Salle de bains



Les toilettes



Visitez le Maroc...

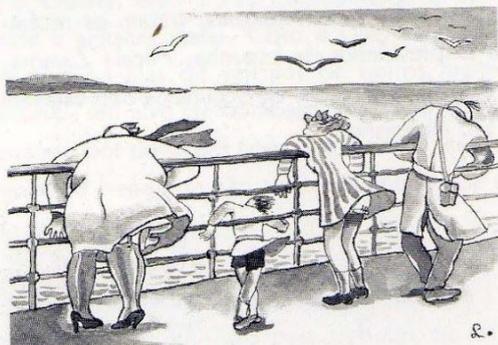
<sup>6</sup> BOX: O Navio *Cabo de Buena Esperanza*, durante as suas inúmeras viagens, trazia centenas de judeus a bordo, sendo que grande parte fugia da Alemanha, assim como da França, Itália e Bélgica. A maioria tinha como destino Buenos Aires e Santa Fé, importantes núcleos judaicos da Argentina. As oportunidades de desembarque em qualquer país sul-americano eram restritas. O *Buena Esperanza* passava por Salvador, Recife e Rio de Janeiro. Em uma destas viagens veio Jules Sauer, futuro criador da joalheria Amsterdam Sauer. Ver: CARNEIRO, *Cidadão do Mundo*, p. 155.



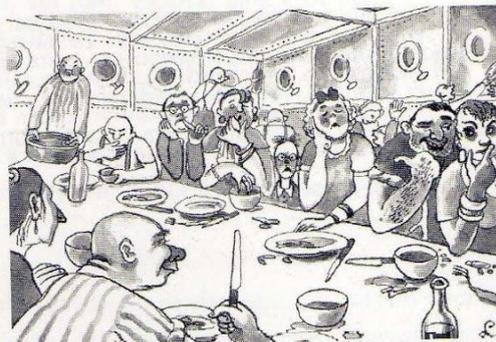
La famille



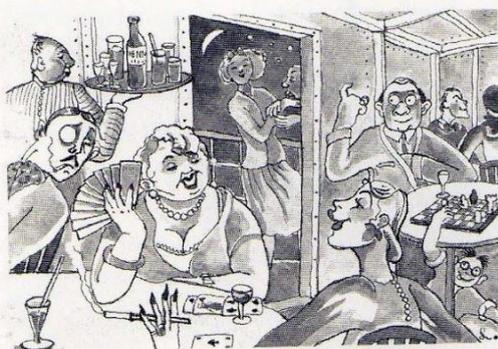
Les adieux à Marseille



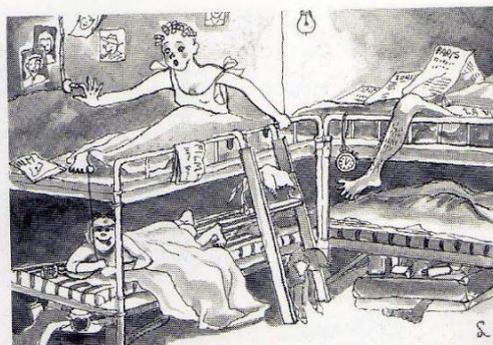
Premier jour du voyage



Dans la salle à manger



Soirée à bord



La cabine

Lise Forell, caricaturas produzidas no campo de refugiados da Legião Estrangeira, no Saara marroquino, 1940.

Acervo: Lise Forell; Arqshoah-Leer/USP.

## **Brasil, nosso porto seguro**

O navio *Cabo de Buena Esperanza* levou um mês para chegar ao Brasil, o que não é brincadeira. Desembarcamos no Rio de Janeiro em 25 de setembro 1941, sendo o meu passaporte n.1239 expedido pelo Consulado Geral do Brasil em Vichy, no ano de 1940. Finalmente, nova via.

No início da vida no Brasil ficamos hospedados em uma pensão no Botafogo. Meu tio Karl e sua família foram para Buenos Aires. Eu fiquei logo apaixonada pelo Brasil: aprendi o português facilmente porque falava francês. Sabendo que meus pais estavam nervosos com a situação econômica, eu preparei uma pasta com meus trabalhos, que incluíam algumas caricaturas e desenhos de moda. Assim, consegui algum dinheiro. Depois, meu pai arrumou um emprego no setor de contabilidade da Revista *Sombra* e minha mãe - ótima doceira - começou a aceitar encomendas de bolos e tortas. Em pouco tempo nos mudamos para o bairro do Leme.

Foi no Rio de Janeiro que aconteceu meu casamento com Herbert Lowe Stukart, meu primeiro marido. Levou quatro anos para ele casar-se comigo, apesar de ser judia, porque eu não ia deixar de ser judia, nunca! O casamento durou exatamente um ano e eu estava louca para me mandar: não gostava dele. Mas, eu tinha a ideia fixa que ele teria de se casar comigo, porque havia dito que “nunca se casaria com uma judia...”. Tivemos um filho, o mais velho, Gregori Stukart Lowe.

Eu sucumbi ao charme dos brasileiros, que é muito mais forte que o dos europeus. Fiquei muito impressionada com o carnaval, tema de algumas das minhas pinturas. Após a minha separação de Herbert, fui residir na fazenda pousada *Terra Mater*, em Teresópolis. Eu já tinha estado lá, pagando minha hospedagem e comida, decorando com pinturas algumas portas e móveis rústicos da pousada. Lá, conheci Leonardo Bevilacqua, cuja família era proprietária do lugar. Ele foi meu segundo marido. Em 1942, decidimos abandonar o Rio de Janeiro e partimos para São Paulo, onde passei a executar pinturas em vitrais para a empresa Conrado Sorgenicht. Assim, dediquei-me à pintura e ensinando em atelier na *Chácara Shalom*, nos arredores de São Paulo. Tivemos cinco filhos: Géssica, Yorick, Diego, Débora e Raffael. Adotei Roberto, um menino negro com um ano e meio que é tão meu filho quanto os outros. Tive que sustentar meus filhos, lutei por isso.

N.º..... SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA  
 DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ESTRANGEIROS

**REGISTRO DE ESTRANGEIROS**

NOME: LISBETH LOWE

Admitido em território nacional em caráter: PERMANENTE (ART. 15 § 2º PORT. 10.963-45).

Nacionalidade: TCHECOSLOVACA

Data do nascimento: 12-4-1.924 Estado civil: ...

Pai: OTTO FORELL Mãe: MARKETA FORELL

Profissão: ... "RIO DE JANEIRO"

Registro Geral N.º: 138.127 Carteira N.º: 138.127 (Exp em 5-5-47).

Residência: RUA MACHADO DE ASSIS, Nº 225

Emprego: RUA BARÃO DE ITAPEITININGA, Nº 221

Local: ...

T. D. I. - Mod. 162 21-5-52. DELEGADO ESPECIALIZADO DE ESTRANGEIROS

Observações: Desembarcou pelo porto do Rio de Janeiro em 25-9-1.941. Passaporte nº 1.239 exp em Marséilha, em 11-11-1.940, visado pelo Consulado do Brasil em Vichy, sob nº 688, no ano de 1.940. Em 19-5-1.952, revalidou sua carteira 3 vezes. Em 20-5-1.952, inscreveu-se nesta Especializada sob nº 15.958.HB. Em 19.5.1952 comunicou a mudança de s/ profissão para Comerciária.CP.

Ficha de Registro de Estrangeiros em nome de Lisbeth Lowe.  
 São Paulo, 21.03.1952 [frente e verso].  
 Acervo: APESP/SP; Arqshoah-Leer/USP

**REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL** MODÉLO S. C. 139  
 FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Olga Fischel

Admitido em território nacional em caráter permanente.

Nos termos do art. 9 letra — do Dec. Lei 7967 de 18-9-45

Lugar e data de nascimento Brno 9.9.1875

Nacionalidade apátrida Estado civil viúva

Filiação (nome do Pai e da Mãe) Jakob Medak e Esther Medak

Profissão P. Domesticas

Residência no país de origem Pampa 1839, nesta

	NOME	IDADE	SEXO
FILHOS			
MENORES			
DE 18 ANOS			

Passaporte n. 005904 expedido Dep. Federal de Segurança

Publica no Rio de Janeiro data 27.1.1949 Consulado Geral do Brasil em Buenos Aires, 5 JUN 1952

visado sob n. 07333

ASSINATURA DO PORTADOR: Olga Fischel

VICTOR JOSE SILVEIRA  
 VICE CONSUL

NOTA — Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular sendo as duas vias em original.

Ficha consular de qualificação de Olga Fischel, avó materna de Lisbeth Lowe, com visto liberado pelo Consulado Geral do Brasil em Buenos Aires, 1952.  
 Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah-Leer/USP

## **Sobre os tons da minha liberdade**

Como não sou religiosa e o Leonardo também não, disse aos meus filhos que poderiam escolher a religião que quisessem ou nem ter religião. Disse-lhes que eu era judia, pois saí de barriga de uma mãe judia. Cada um deveria seguir a linha que bem quisesse.... Deixei livre! Minha filha Débora é ortodoxa, mora em Israel; os outros não são nem muito católicos ou nem nada. O meu caçula Roberto virou crente. A coisa mais engraçada é quando ele [Roberto] vem aqui me visitar, a Débora, por acaso, está aqui. Eles se cruzam na sala, ela vai rezar virada para Jerusalém com o *Talmud* debaixo do braço e ele, com a bíblia, vai para o outro lado, se ajoelha e reza com a família dele. Eles se olham feio, mas sabem e sentem que minha casa é território neutro.

Assim, criei meus filhos assim na liberdade, o mais livre possível para ter filhos diferentes, todos muitos diferentes de mim. Ninguém puxou o meu lado artístico, talvez preocupados por não ter muito dinheiro.... Espero morrer trabalhando em meio às minhas pinturas. Meus netos têm uma grande admiração por mim, justamente pelo desprendimento de bens materiais etc... Dou-me muito bem os com meus netos, os de Israel, os daqui, os negros, todos... Posso dizer que somos uma família bem unida.

Minha liberdade é sagrada. Prefiro passar fome do que ficar com alguém que me enganava. Estou sozinha (sem um companheiro ao meu lado) há bastante tempo. Sozinha nunca estou: dou aulas, tenho os filhos, os netos, muitas amizades. Sou muito curiosa. Acho que isso é coisa de pintor! Conhecer pessoas de níveis diferentes, educação diferente. Tudo aqui é muito misturado. Não posso dizer que sou amiga de todo mundo que vem aqui, mas tenho uma certa curiosidade... amizades eu escolho mais a dedo. Tenho amigos de todos os tipos, brasileiros e alemães, só que com os alemães eu sou mais difícil, pois eu com eles eu sempre cutuco mais um pouco no passado. Eu não gostaria de jogar cartas com alguém, cujo pai queimou meu avô no campo de concentração. Os alemães têm que provar seu currículo político.

## **Minha arte, meus olhares**

Segui minha carreira de artista. Participei de várias exposições, mesmo contra a minha vontade, mas era a forma de conseguir ganhar algum dinheiro. A partir de 1942,

radicada em São Paulo, dediquei-me exclusivamente à minha arte: executei pinturas em vitrais para a empresa Conrado Sorgenicht, como já disse, ensinei pintura em meu atelier na Chácara *Shalom*, e fiz várias exposições como pode ser conferido em meu site.



Lise Forell, “Götterdämmerung”, óleo sobre tela, 50x60, 1997.  
Acervo da Artista; Arqshoah-Leer/USP

Certo dia, conversando com um ex-aluno, ouvi a sugestão de fazer uma exposição individual em Brasília. No *vernissage* fiz amizade com o adido cultural da Embaixada de Israel, que me propôs uma exposição em Jerusalém. Em 1977, apesar das

dificuldades de uma mostra internacional, eu apresentei minhas obras na Galeria Armon e Galeria Alex Lezion, Israel (1977). Impressionei-me com a magia do deserto, suas construções e ruínas milenares. Essa viagem teve grande impacto na minha arte e também na vida da minha filha Débora, que hoje vive em Israel. De imediato, percebi que as diferenças entre o Brasil e Israel estão nas construções. Lá, as cidades crescem até o topo da montanha e não têm mais para onde ir. Em Israel, a população já tem de tudo, desde papel higiênico com perfume francês! Mas, são coisas totalmente supérfluas... E no Brasil, temos ainda muita coisa para conquistar, porque desde que estou aqui, há mais de setenta anos, muita coisa mudou, mas falta muito. Confesso que sinto saudade da comida de Israel, única coisa que sou muito saudosista. Aqui temos um futuro a atingir, uma meta.

Depois de Israel, fiz várias exposições na Europa passando pela Alemanha onde expus na Galeria Bambu, em Hamburgo (1980), no Centro Cultural de Wilster e na Galeria do Consulado do Brasil, em Berlim (1981); na Galerie Saint Romain, França (1991); Galerie Altstadt, Vaduz, Liechtenstein (2001); no Espaço Cultural Judaico, Brno (2002); na Galeria Futura, Praga; e na Galeria Mischa Marianske Lazne, República Tcheca (2003). Em 1985, levei minhas obras para expor na Galeria Matalon, Los Angeles, EUA.

Adoro o norte do Brasil, o sul menos... Talvez porque me lembra a Europa. Os europeus vivem para trabalhar e os brasileiros trabalham para viver: essa é a grande diferença. Em São Paulo, conheci um senhor advogado, que se encantou com os meus quadros políticos. Hoje, ele tem mais de cem quadros de minha autoria, uma coleção completa. Digo sempre assim, brincando: “ele também está esperando que eu me vá, porque o dia que o pintor morre e seus quadros valem mais!”

Continuo pitando e criando, totalmente na ativa, vendendo meus quadros, dando aulas de pintura, apesar de não ter mais o mesmo pique. Eu não tenho doença alguma, mas o pique não é o mesmo. Eu pintava dez horas por dia brincando, mas agora eu pinto seis... Eu não quero depender de ninguém, pois gosto de ser livre.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> **BOX:** Lise Forell pertence ao grupo dos artistas *naifs* que se inspiram em seu mundo poético particular, que reúne, de forma mágica, o ser humano e o seu ambiente. É reconhecida mundialmente por sua atitude de rebeldia sobre a vida que retrata de forma colorida e, às vezes, de forma humorística, mas sem deixar de ser crítica. Instiga a luta, o respeito a diversidade e o amor, atraindo seus espectadores pela emoção. Fez cursos de Desenho e Pintura no Atelier de Arte Realista de Maurício Takiguthi, São Paulo; Academia de Arte DeCinti Villalón, Madrid, Espanha; Académie de La Grande Chaumière, Paris, França; Atelier



Lise Forell, “Freizeitgestaltung”, óleo sobre tela 50X60, 2000.  
Acervo da Artista; Arqshoah-Leer/USP.

---

Vermeer, Paris, França; Cozinha da Pintura, São Paulo; Escola Panamericana de Artes, São Paulo; Sociedade Brasileira de Belas Artes, Rio de Janeiro. Mais informações sobre Lise Forell podem ser encontradas em seu livro *Contrasts*. É autora do livro “As Artes Plásticas na Formação do Professor” (Plêiade, 2012) e dos livros infantis (texto e ilustrações) *O Céu do Menino* e *A Bailarina Azul*, (Editora Anita Garibaldi, 2013).



Lise Forell, “Campo de Concentração”, óleo sobre papel, 50x70, 1943.  
Acervo da Artista; Arqshoah-Leer/USP.

### Notícias depois da guerra

Depois da guerra, as notícias que chegaram foram de que meu tio e minha avó paterna foram mortos em um transporte para um campo de concentração; minha tia Camilla, irmã de meu pai, foi fuzilada em Riga, sob o olhar do filho dela; meu primo Peter Muller, que sobreviveu depois de passar por vários campos de trabalhos forçados, foi libertado pelos russos, pesando trinta e oito quilos. Veio para o Brasil. O irmão mais velho, o Léo, fugiu para a Palestina antes da invasão alemã: adotou um nome britânico e assim que foi preso pelos alemães escapou das atrocidades.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> BOX: Segundo registros no Yad Vashem, Kamila Forell [Mueller), irmã de Otto e tia de Lise Forell, nasceu em 31 de dezembro de 1889 em Viskovo, Chust, Carpathian Ruthenia, Tchecoslováquia, residia em Brno e foi assassinada em Riga (Vidzeme, Latvia), em 1941. Siegfried Forell, tio de Lise, nascido em 16 de maio de 1899 em Wischau, Vyskov, Moravia-Silesia, na Tchecoslováquia, esteve preso durante a guerra no campo de Majdanek, na Polônia, onde foi assassinado em 29 de setembro de 1942. Seu nome consta da lista dos judeus perseguidos publicada no “Memorial Book” daqueles que morreram entre 18 de maio a 29 de setembro de 1942. Regine Forell, avó de Lise Forell, nascida em 1 de setembro de 1871, residia em Brno até o momento da deportação quando foi levada em 23 de março de 1942 no transporte n. 175 para o Campo de Terezin e em 19 de outubro de 1942, foi levada de Terezin para Treblinka onde morreu. Cf. Data Base/Yad Vashem, e <http://www.holocaust.cz/en/database-of-victims/>

Depois do sofrimento do qual o povo judeu passou, eu tenho certo orgulho de ser judia. Porque é povo, não é só a religião, a espinha dorsal que segura; de tudo que o judeu já passou ele sobrevive, cada vez mais forte. Hoje, me sinto acolhida carinhosamente pela natureza. Para escapar, vou ao meu sítio *Shalom*. Lá, eu posso, sem mágoa e revolta, mergulhar nas reminiscências e cuidar de minhas lembranças...tanto as más, quanto as boas.



Lise Forell em seu ateliê. São Paulo, setembro de 2014.

Disponível em:

<<https://catracalivre.com.br/sp/agenda/gratis/lise-forell-uma-vida-para-a-arte/>>. Acesso em: 01.08.2017.